

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

JULIA ABREU DO NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DO ROMANCE FAMILIAR DE AUTORIA FEMININA PARA A  
(RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER.**

Rio de Janeiro - RJ

2021

**JULIA ABREU DO NASCIMENTO**

**A IMPORTÂNCIA DO ROMANCE FAMILIAR DE AUTORIA FEMININA  
PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Alemão.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Érica Schlude Wels (UFRJ).

Rio de Janeiro- RJ

2021

## Ficha Catalográfica

### CIP - Catalogação na Publicação

AN244i Abreu do Nascimento, Julia  
A importância do romance familiar de autoria feminina para a (re)construção da imagem da mulher. / Julia Abreu do Nascimento. -- Rio de Janeiro, 2021.  
46 f.

Orientadora: Érica Schlude Wels.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Alemão, 2021.

1. Literatura de autoria feminina . 2. Literatura Alemã. 3. Mulher e Sociedade. 4. Mitos e Arquétipos femininos. 5. Romance familiar de autoria feminina. I. Schlude Wels, Érica, orient. II. Título.

*Dedico este trabalho aos meus pais e a minha avó Jacira da Cruz Abreu (in memoriam), cujo maior sonho era estudar.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar comigo em todos os momentos da minha vida, por me abençoar com pessoas tão especiais com as quais eu compartilho essa jornada que é a vida, por me presentear com este curso que mudou a minha vida.

Às minhas avós, Jacira da Cruz Abreu (*in memoriam*) e Nancy França Baptista (*in memoriam*), meus avós José Lopes de Abreu (*in memoriam*) e Edson Gomes do nascimento, pelos ensinamentos e amor dedicado aos meus pais, que os transmitem a mim e ao meu irmão. Em especial à minha avó Jacira, que não pude conhecer em vida, mas se faz presente nas memórias, nas receitas que atravessam nossa família e, principalmente, no incentivo aos estudos e nos ensinamentos feministas, mesmo que não intencionais, dados à minha mãe. Se concluo esta importante etapa da minha vida, também é graças a ela.

Aos meus pais, Roselandia da Cruz Abreu e Vagner Baptista do Nascimento, por serem os melhores pais do mundo; por serem meu alicerce e meus maiores entusiastas; por me ensinarem que o amor é o que levamos de mais importante da vida e que respeitar o outro é fundamental para um mundo melhor; por toda a sua dedicação e amor incondicional desde o meu primeiro dia de vida. Vocês são meus maiores exemplos.

Ao meu amado irmão e à minha amada cunhada, Gustavo Abreu do Nascimento e Thaís Romero, por todo o seu amor, por serem meus maiores apoiadores e por sempre confiarem em mim.

Às minhas tias, Roseni da Cruz Abreu, Patrícia Duarte Pereira, Eliana Netto, Valéria Baptista por todo amor, carinho, incentivo e por serem exemplos em minha vida.

Aos meus tios, Nailton José Mariano e Hamilton da Cruz Abreu, por todo amor e incentivo.

Às minhas amigas-irmãs, Karen Dalice e Tays Paulino, por serem meu alicerce em muitos momentos, por me mostrarem que o amor de uma amizade pode ser tão forte quanto o amor fraterno. Encontrar vocês foi um presente de Deus.

Às minhas queridas e amadas primas, Nathami Abreu e Nínive Lopes, por toda a sua amizade, amor e companheirismo.

Às minhas amigas, Aline Germano, Elen Rodrigues, Cristiane Oliveira, que juntamente com Karen, Tays, Nathami e Nínive são as amigas mais maravilhosas do universo e formam a melhor rede de apoio que alguém poderia ter. Obrigada por me ensinarem tanto, todos os dias.

Aos meus queridos e amados amigos, Jefferson Oliveira e Gabriel Dottling, por todo companheirismo e tantos momentos incríveis ao longo de tantos anos de amizade.

À minha orientadora, Érica Schlude Wels, pelo o incentivo e interesse para a realização deste e de outros trabalhos e por toda sua complacência comigo ao longo desses períodos de graduação.

À minha leitora crítica Michela Rosa di Candia, por aceitar fazer a leitura deste trabalho.

A Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro por me tornar a pessoa que sou hoje. Não existem palavras possíveis para traduzir a minha gratidão para com essa instituição.

Agradeço a todas as mulheres incríveis que me servem como inspiração; à mãe de todas as minhas amigas e amigos por terem criado indivíduos tão especiais.

*“Porque nós, mulheres, pensamos através da nossa mãe”*

*(Virginia Woolf)*

## Resumo

Ao longo da história, as mulheres tiveram sua liberdade limitada por um sistema de opressão de gênero que, apesar de mais brando nos dias atuais, ainda perdura. Em razão disso, as últimas gerações perderam a oportunidade de conhecer o mundo antigo por uma perspectiva que não fosse a masculina, salvo algumas exceções. Na busca por compreender o motivo pelo qual as mulheres foram destinadas aos espaços internos, domésticos e ao seu universo, o presente trabalho se propõe a fazer uma análise das principais hipóteses levantadas acerca da hierarquização de gênero, com o objetivo principal de ressaltar a importância da Literatura de autoria feminina como um instrumento emancipador das mulheres que com ela mantém contato, sobretudo nos romances familiares de autoria feminina que rememoram mulheres apagadas das páginas da história, colocando-as de volta ao centro da discussão e, também, ajudando-as a (re)construir a imagem da mulher. Através de uma perspectiva feminina, não do lugar do *Outro*, mas do lugar de sujeito, tais escritas distanciam-se dos estereótipos caricatos e preocupam-se em mostrar o verdadeiro sujeito “mulher”, outrora limitado por um sistema opressor.

**Palavras-chave:** Literatura. Romance familiar de autoria feminina. Gênero feminino.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OS MITOS E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO-OS ARQUÉTIPOS E O IMAGINÁRIO	11
2.1 A origem da inferioridade feminina	11
2.2 A Mitologia, Os Arquétipos e o Imaginário	14
2.3 Mitos e a construção da imagem feminina	17
2.4 Adquirir consciência de si por si mesmo	22
3. BREVE PERCURSO SOCIAL E HISTÓRICO DAS MULHERES - A LITERATURA E A MULHER	24
3.1 Breve panorama das mulheres na sociedade	24
3.2 Literatura: uma aliada	25
4. ROMANCE FAMILIAR DE AUTORIA FEMININA COMO MEIO DE REMEMORAR E REESCREVER A HISTÓRIA DAS MULHERES	29
5. ANÁLISE DA OBRA	31
5.1 Quem foi Ingeborg Drewitz?	31
5.2 <i>Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart</i> - Ontem foi hoje: cem anos agora	32
5.3 Nascimento e a escrita feminina	38
6. CONCLUSÃO	41
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

## 1 INTRODUÇÃO

Ao se falar sobre as opressões sociais contra as mulheres, não é possível ater-se no passado, posto que até os dias atuais – mesmo com todos os avanços que conquistamos - as opressões de gênero ainda nos perpassam. Ainda na primeira infância, por exemplo, meninas possuem sua liberdade podada quando são orientadas a se comportar de maneira mais comedida para que "não se pareçam com meninos". Na tenra juventude, muitas ainda são induzidas a controlar quaisquer características que não estejam atreladas à meiguice, docilidade, inocência ou pureza; do contrário, não são moças respeitáveis e não serão cortejadas por nenhum rapaz. Além disso, devem realizar tarefas domésticas, a fim de se tornassem exímias donas de casa, boas esposas e mães respeitáveis. Ao se comportarem de forma destoante a esse padrão, correm o risco de serem depreciadas ante a sociedade.

Todavia, com o fortalecimento do feminismo como movimento social e político, as mulheres cada vez mais se compreendem como sujeito e entendem que as amarras sociais que antes as limitavam, são apenas mecanismos para perpetuar a hierarquização de gênero. Ao passo que ampliavam sua consciência a respeito das convenções sociais como um mecanismo de manutenção da hierarquização de gênero, as mulheres começaram a se questionar quais as razões para que à elas tenham sido vinculadas -como inerentes características como submissão, inferioridade emocional e intelectual, instinto maternal, puerilidade, entre outros essencialismos.

Assim, na parte inicial do presente trabalho, analisaremos alguns dos processos que levaram à permanência da hierarquização de gênero ao longo de tanto tempo, como ao questionarmos a origem da imagem da mulher como inferior ao homem.

Nos capítulos seguintes, apresentaremos a relação da mulher com a literatura e de que maneira essa expressão artística tem servido como um instrumento emancipador; através da escrita, é possível (re) construir e negociar identidades a partir de uma padrão auto-referencial, e, com isso, gerar uma rede de influência para outras mulheres.

No âmbito da literatura, discutiremos a importância do romance familiar de autoria feminina para a rememoração e (re)construção da imagem da mulher apagada e silenciada da história. Nosso *corpus* reúne o romance familiar de autoria feminina de cunho autobiográfico

*Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart*<sup>1</sup> (1978) - todas as traduções que seguem são de nossa autoria-, obra alemã de Ingeborg Drewitz.

Acreditamos que, com esta pesquisa, salientamos a importância da escrita feminina para a construção de identidades separadas de estereótipos preservados no imaginário popular. Vale ressaltar ainda a motivação de trabalharmos, elegendo um romance contemporâneo escrito por uma mulher, e que privilegia a língua e a cultura alemã, justamente é um dos universos que guiaram os estudos da graduação em Português-Alemão.

---

<sup>1</sup> *Ontem foi hoje: cem anos agora* (tradução livre). Obra ainda sem tradução para língua portuguesa.

## **2 OS MITOS E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO: OS ARQUÉTIPOS E O IMAGINÁRIO**

### 2.1 Discutindo algumas origens da inferioridade feminina.

Ao refletir sobre as relações estabelecidas entre as sociedades e os gêneros é inevitável o surgimento do seguinte questionamento: em que momento a superioridade masculina foi instaurada como uma verdade?

Há uma dificuldade em precisar com exatidão o momento da história em que essa suposta “superioridade” masculina foi instaurada em detrimento da feminina. Com o intuito de responder ao referido questionamento, estudiosos recorrem à História, Biologia, Psicanálise, Literatura, Sociologia etc. Tais investigações têm como principal objetivo encontrar algum fator justificável para que tal decisão tenha se conservado por tanto tempo em meio às sociedades.

Os estudos realizados no campo da Biologia deixam evidente as diferenças sexuais e anatômicas que separam os corpos feminino e masculino; entretanto, os resultados dos mesmos não são suficientemente plausíveis para designar o gênero feminino como inferior ao masculino nem para que se justifique uma soberania de um para com outro. Segundo a filósofa Simone de Beauvoir, conhecer o próprio corpo é algo primordial para o sujeito, pois “o corpo é o instrumento de nosso domínio do mundo” e “este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja aprendido de uma maneira ou de outra” (BEAUVOIR, 2009 [1949], p. 54); com isso entende-se que é necessário que o indivíduo tenha consciência do próprio corpo, pois será ele – o corpo – o mediador entre a consciência do sujeito com o mundo ao seu redor.

No caso do gênero feminino, tal conhecimento é ainda mais primordial, uma vez que, a consciência a respeito desse corpo por muito tempo foi oriunda de uma perspectiva completamente masculina, restando ao feminino ocupar o lugar do Outro inferior. E, à medida que esse corpo expande o conhecimento sobre si, consegue mover-se do lugar de inferioridade para o lugar de equidade. Consequentemente, tal deslocamento permite a abertura de possibilidades do que a mulher pode vir a ser.

Eis porque estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos dois sexos: não explicam porque a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada. (BEAUVOIR, 2009, [1949], p. 54)

Em concordância com os pensamentos de Beauvoir, rejeitamos a ideia da mulher como um sujeito imutável é inconcebível. Ao imputar-se a imutabilidade às mulheres, suas existências como sujeitos que apresentam necessidades e desejos distintos é desconsiderada. Além disso, ignora-se o fato de que necessidades, valores e desejos mudam de acordo com a época e a sociedade, não podendo assim, manterem-se inalteráveis.

O “vir-a-ser” de Beauvoir ratifica a visão de que as mulheres somente podem ser compreendidas como o resultado de suas escolhas, ou seja, “*suas possibilidades*” (BEAUVOIR, 2009 [1949], p. 55) de se tornarem quem desejam no futuro. Assim, para a filósofa, definir o indivíduo em “suas possibilidades” seria uma das únicas comparações justas entre os gêneros masculino e feminino, uma vez que aos homens nunca foi imputada nenhuma realidade imutável, permitindo-os definir a si mesmos de acordo com suas escolhas; além de suas possibilidades nunca terem sido limitadas devido ao gênero.

Como base fundamental para a compreensão do comportamento da mente humana, a psicanálise modificou a maneira de interpretar os sujeitos. Dentre as inúmeras contribuições psicanalíticas, Beauvoir ressalta que

O imenso progresso que a psicanálise realizou na psicofisiologia foi considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano; não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que existe concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito. (BEAUVOIR, 2009,[1949], p.59)

A questão da existência do corpo-objeto e do corpo-vivido remete à questão da imutabilidade mencionada anteriormente. Apesar de que, em algum momento, a todos os corpos terem sido atribuídos esse status de corpo-objeto, somente os corpos femininos permaneceram mais tempo como tal. Tais limitações demarcavam aos corpos femininos restrições dos espaços que elas poderiam frequentar ou ocupar, impossibilitando o vir-a-ser desses corpos. Em concordância com o que aponta Beauvoir, o corpo – apesar de sua materialidade – só existe, só vive, quando atravessado por experiências que fazem o sujeito, que nele habita, ser quem é. Um corpo-vivido, ao contrário do corpo-objeto, é um corpo mutável com infinitas possibilidades de vir a ser.

Embora sua relevância seja indiscutível em relação ao entendimento do psiquismo humano, a psicanálise insiste em alguns essencialismos ao tratar das relações entre homens e mulheres. No tocante à psicanálise, cabe citar a seguinte consideração de Beauvoir

Um historiador da mulher, Donaldson, observava que as definições “o homem é um ser humano macho, a mulher é um ser humano fêmeo” foram assimetricamente mutiladas; é particularmente entre os psicanalistas que o homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho. O psicanalista descreve-nos a criança e a moça solicitadas a identificar-se com o pai ou com a mãe, hesitantes entre tendências “viriloides” e “femininas”; ao passo que nós concebemos as mulheres hesitando entre o papel de objeto, de Outro que lhe é proposto, e a reivindicação de sua liberdade. (BEAUVOIR, 2009, [1949], p.69)

À luz de Beauvoir, entende-se que as postulações iniciais da psicanálise, elaboradas unicamente por perspectivas masculinas, são falhas para com as mulheres, uma vez que fazem um julgamento que as coloca como indivíduos mutilados em contraposição aos homens: falta-lhes o falo. Assimétricas, essas postulações não levam em consideração que, independentemente das diferenças biológicas, ambos são seres completos. Portanto, partindo da premissa que nada falta à mulher, acredita-se que o desejo da mulher está no que representa o falo na sociedade em que se encontram. O falo simboliza o poder, a liberdade e as possibilidades do vir-a-ser, que são impugnados às mulheres. Assim, observa-se, na visão psicanalítica, a ideia do homem como indivíduo superior às mulheres.

Dentre as áreas de estudos que investigam a relação entre o gênero feminino e o meio social no qual estão inseridas, parece-nos ser a História e a Sociologia as que tragam as respostas mais assertivas sobre como foi dada a imposição da soberania masculina nas sociedades. Voltar-se para as origens da vida em comunidade é necessário para que se possa compreender a maneira como esse processo foi dado.

Na era pré-histórica, quando ainda não havia o conceito de família, os indivíduos viviam em comunidades em que, de acordo com Alambert (2004), não havia a “existência de desigualdade entre o homem e a mulher” (ALAMBERT, Zuleika. 2004, p.27 ). Além disso, nesse período da história, não era incomum a existência de clãs que apresentavam mulheres como figura centrais de suas comunidades. Contudo, o desconhecimento desses clãs matrilineares, ao longo da história, é decorrente de um apagamento do passado feminino por parte dos homens, os quais não demonstravam interesse em estudá-lo.

Segundo esse viés histórico, a exclusão feminina tem início com o surgimento de instrumentos que auxiliaram os homens em suas atividades essenciais. Já não mais “servil” para executar as atividades que realizavam antes da utilização de tais instrumentos, as mulheres passam a ser “propriedade” dos homens com quem possuíam vínculo, principalmente com os que mantinham uma união matrimonial, pois, nessas relações, a fim de garantir a legitimidade de sua descendência, o homem exigia a mulher só para si. Com isso, a então igualdade outrora existente, entra em ruínas. Inicia-se então a disputa dos homens por poder, o processo de escravização de outros homens e de mulheres e, conseqüentemente, uma hierarquização social envolvendo classe e gênero.

Dessa nova estrutura social emerge o Estado e com ele, aqueles que ocupavam uma posição social inferior foram ainda mais desfavorecidos. Conforme as sociedades foram evoluindo e os meios de subsistência se transformando, surge a instituição familiar, levando à uma divisão por classes; além disso, instaura-se o patriarcado, isto é, a “era dos homens iguais contra mulheres desiguais” (ALAMBERT, 2004, p.28), iniciando, assim, o processo da dominação masculina.

Apesar de algumas das suposições levantadas não apresentarem respostas concludentes que justifiquem o porquê da soberania masculina ter perdurado por anos e seguir perdurando, tais hipóteses são necessárias à compreensão de como se deu o processo de inferiorização de gênero. Entretanto, faz-se necessário buscar respostas também em outras áreas que discorrem sobre as mulheres e as sociedades. Dentre algumas dessas áreas pode-se citar a mitologia e a literatura, pois ambas estão interligadas às sociedades, determinando padrões e servindo como um depósito de imagens, símbolos e representações de cada época.

## 2.2 A Mitologia, os Arquétipos e o Imaginário

Compreende-se como mitologia o estudo sobre mitos e lendas de determinada cultura. As narrativas que compõem a mitologia denominam-se mitos. Originária da língua grega, “mito” é uma palavra oriunda da palavra *mythos* deriva de dois verbos: *mytheyo* (contar, narrar) e *mytheo* (conversar, contar, anunciar...). (CHAUI, 2000, p.32). Segundo a concepção de Lalande (1999), o mito pode ser analisado sob três perspectivas diferentes: de acordo com a primeira perspectiva, as narrativas mitológicas seriam de cunho lendário e fabuloso,

populares e não refletidas, sendo parte da tradição cultural de um povo. Tais narrativas seriam propensas a explicar “as características do que é dado no presente”; a segunda definição proposta é a de que, através do mito, se expunham ideias e doutrinas sob uma forma narrativa ou poética, em que a imaginação e verdades subentendidas se mesclariam no intuito de expandir uma doutrina através de uma representação simbólica; na terceira e última perspectiva, Lalande afirma que o mito pode ser a imagem fictícia do futuro que expõe um sentimento coletivo e que culmina em uma ação.

Diante das três perspectivas apontadas, entende-se que essas narrativas foram inerentes aos povos e às suas culturas e, devido a esse fato, fundamentais para o estabelecimento de um padrão comportamental, do qual constituem a base. Tais lendas e fábulas quando atreladas à crença de que explicariam o funcionamento do universo, ou à uma doutrina filosófica ou religiosa e uma imagem hipotética do futuro, incentivaram a construção de certos estereótipos. Dessa maneira, pondera-se que a não reflexão dessas lendas e fábulas desencadeou uma “expectativa” para com o outro e designou uma preconcepção que fixou-se no imaginário social e passou a ser considerada como um padrão compartilhado por todos os seus semelhantes.

Devido às múltiplas significações atribuídas ao conceito de mito, Mircea Eliade questiona:

(...) será realmente possível encontrar uma única definição capaz de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. (ELIADE, 1972, [1963], p.9)

Para as sociedades primitivas, as mitologias desempenharam um papel fundamental, pois, as narrativas que as compõem, serviam a essas sociedades como um instrumento para a explicação da origem do mundo e das coisas. Quando não narram a origem do universo, os mitos narram a origem das deusas e dos deuses, as suas características e como são dadas as suas relações com os seus semelhantes, com todos os seres humanos e com todos os seres que habitam o planeta Terra. A respeito do papel que o mito possui, Chauí afirma:

O mito organiza a realidade, dando às coisas, aos fatos, às instituições, um sentido analógico e metafórico (...). A peculiaridade do símbolo mítico está no fato de ele **encarnar** aquilo que ele simboliza (...). O fato de o símbolo mítico não representar, mas encarnar aquilo que é significado por ele, leva a dizer (...) que o pensamento mítico é um pensamento sensível e concreto, um pensamento onde as imagens são coisas e onde coisas são ideias, onde as palavras dão existência ou morte às coisas (...). (CHAUÍ, 2000, p.205-206).

As narrativas presentes nos mitos são tão antigas quanto as sociedades e, mesmo tendo sido elaboradas há mais de dois mil anos, conseguiram perpetuar-se entre gerações. A preservação das ideias mitológicas nas sociedades, exercem influência no comportamento social até hoje, além disso, os mitos também colaboraram com a formação de imagens que os indivíduos têm acerca das coisas. Diante disso, pode-se afirmar que os mitos contribuíram para a formação de um inconsciente coletivo.

Proposto pelo psiquiatra suíço Carl G. Jung, o pai da psicologia analítica, o conceito de inconsciente coletivo diz respeito às heranças psíquicas comuns a todos os seres humanos. Além dele há também o inconsciente individual, que é particular de cada indivíduo. Para diferenciá-los, Jung os define como sendo o inconsciente pessoal o formado por uma camada “mais ou menos superficial” (JUNG, 2002, [1959], p.15); já o inconsciente coletivo é definido por ele como o inconsciente que

repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata.(...) Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento , os quais são ‘cum grano salis’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos . Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG., 2002, [1959], p. 15).

Responsáveis por transmitir coletivamente valores morais, éticos, religiosos, etc., os mitos atravessaram gerações e consolidaram-se na mente dos indivíduos de maneira que eles nem sequer notassem. Além disso, ao longo do tempo, as narrativas mitológicas contribuíram para a construção de arquétipos. Jung define arquétipo como o conceito “que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e todo lugar.” (JUNG, 2002, [1959], p.53).

Para Jung, os arquétipos são como uma herança psicológica resultantes de inúmeras experiências cotidianas vivenciadas através das gerações. Em outras palavras, os arquétipos são ideias que existem antes mesmo de ocorrer as experiências do próprio sujeito. Além disso, pode-se entender arquétipos como representações de padrões comportamentais ou de papéis sociais esperados de um sujeito e estão presentes em lendas, mitos, e diversas áreas, tais como literatura e cinema.

### 2.3 Mitos e a construção da imagem feminina.

Apesar de a mitologia exercer maior influência nas sociedades primitivas, percebe-se que até as épocas mais recentes são significativamente influenciadas pela mitologia.

No decorrer da história, as sociedades impuseram padrões sociais e comportamentais ao gênero feminino, restringindo sua liberdade e o inferiorizando perante o gênero masculino. A construção desses padrões iniciou-se na antiguidade e perdurou por um longo período de tempo, amenizando-se apenas com a criação de movimentos voltados aos interesses femininos.

Alguns desses padrões que atravessaram gerações por séculos e chegam – ainda que combalidos – ao século XXI, pode-se dizer que são provenientes das figuras arquetípicas pertencentes às mitologias das mais variadas culturas. Um exemplo dessas figuras é Gaia, deusa grega, mãe dos doze titãs (deuses do Olimpo), representante do arquétipo da “Grande Mãe”, ao qual está associado ao cuidado, à bondade, à fertilidade etc. Entretanto, existem os arquétipos contrários a esse e que são simbolizados, por exemplo, pela imagem da bruxa.

Em uma sociedade construída sob preceitos patriarcais e em que os homens dominaram a disseminação da história e cultura por um considerável período de tempo, alguns arquétipos femininos ligados às mitologias, como os da deusa Héstia e Hera, (figuras que representam a boa esposa, a grande mãe, a dona de casa) a ninfa Liríope e Eva, a primeira mulher a ser citada na Bíblia, tiveram seus lados mais imponentes deixados de lado ou atribuídos a coisas negativas. Por outro lado, as características que contribuíam para limitar o espaço das mulheres e as colocarem como infames foram amplamente reforçadas.

Diante disso, pode-se dizer que essas narrativas mitológicas, quando utilizadas para detrimento das qualidades das personagens referidas acima, também auxiliaram na idealização de um padrão comportamental prejudicial ao gênero feminino e oportuno ao gênero masculino, das quais se beneficiou para forçar ainda mais uma hierarquia de gêneros. Esse fato também pode ser encarado como um dos desencadeadores da perpetuada desigualdade de gênero.

Com o surgimento do movimento feminista, tais arquétipos conferidos às mulheres começaram a ser questionados e debatidos, com o intuito de pôr fim à ideia de que a “inferioridade feminina” fosse algo intrínseco ao biológico; ao mesmo tempo, buscava-se provar que toda essa concepção é resultante de uma construção patriarcal.

Das culturas e mitologias existentes, a grega e a judaico-cristã são, indubitavelmente, as que mais influenciaram o mundo ocidental. Alicerces dessas sociedades, as culturas e mitologias grega e judaico-cristã são as principais responsáveis pela construção e fixação dos arquétipos de gênero, tal qual os conhecemos nos dias de hoje. Noguera (2017) afirma que as mulheres e homens das sociedades que compõem o mundo contemporâneo são herdeiros da estrutura organizacional social grega, a qual foi uma sociedade estruturada sobre o poder patriarcal. Sobre a influência judaico-cristã, ele afirma que

A base mítico-religiosa para a desvalorização feminina é muito poderosa e acaba por configurar nossas formas de pensar e agir. (...) O sexismo explícito da Bíblia insiste em colocar a mulher em um plano inferiorizado ao mesmo tempo que a impõem uma culpa, fazendo do homem sua vítima. (NOGUERA, 2017, p.133)

Diante dessa afirmativa, compreende-se que a herança cultural herdada da Grécia antiga e da cultura judaico-cristã, somada ao sexismo religioso, foram também alguns dos principais responsáveis pela construção e perpetuação da ideia do gênero feminino como inferior. Essas estruturas patriarcais incutiram no imaginário coletivo a ideia de uma superioridade masculina em relação às mulheres, até que essas ideias fossem consideradas verdades absolutas e irrefutáveis.

Ao atribuir tais arquétipos às figuras divinas e religiosas, a sociedade patriarcal tira de si a responsabilidade pela construção dos arquétipos que inferiorizam as mulheres e os transferem para o poder divino. Essa transferência corrobora ainda mais a fixação desses arquétipos, visto que a designação do que é superior e inferior escaparia dos desejos humanos e estaria sob o domínio divino: o que está sob o poder divino não deveria ser questionado; se assim é a vontade dos deuses ou do Deus, assim deve ser. Ao contrário, ao se confrontar o divino, conseqüentemente, despertariam a sua ira.

As personagens mítico-religiosas citadas acima – Héstia, Hera, Liríope e Eva – foram algumas das figuras arquetípicas que tiveram suas narrativas diretamente ligadas a aspectos tais como: a naturalização do caráter doméstico e organizacional do lar, ciúme e rivalidade para com outras mulheres, idealização da esposa perfeita, a maternidade compulsória, punições com base no gênero, submissão desmedida e as responsabilização pelos males do mundo. Ao passo que suas virtudes, como audácia, astúcia, sabedoria etc., foram suprimidas.

Héstia, a primeira e última filha de Cronos e Reia – de acordo com o relato de seu nascimento –, é considerada a patrona do lar e a deusa da Terra, visto que optou desabitar o

panteão e viver na Terra para “evitar as brigas dos irmãos” (WILKINSON, 2018, p. 29). Sua imagem é associada à família, à proteção do lar, ao fogo e às lareiras privadas e públicas das cidades. Apesar de ser venerada nos lares da antiguidade grega, dentre as demais deusas gregas, Héstia é a menos lembrada e “isso é um sinal de que a ‘dona de casa’ é a eterna esquecida” (NOGUERA, 2017, p.22). Além disso, “o mito de Héstia é um símbolo de um estereótipo de gênero, uma ideia padronizada que circula com frequência nas mais diversas instâncias da sociedade: a ideia de que as mulheres são naturalmente donas de casa.” (NOGUERA, 2017, p.22).

Hera, a deusa das bodas e da maternidade, apesar de ter exemplificado “a relevância da mulher no cotidiano grego.” (WILKINSON, 2018, p.45), teve suas narrativas construídas continuamente associadas ao seu matrimônio com Zeus, seu temperamento raivoso, ciúme exacerbado e vingança. Em suas tentativas de defender o seu casamento, se colocou, por vezes, em situações humilhantes que a rebaixaram como mulher. Ao se casar com Zeus, torna-se a deusa mais importante, entretanto nunca alcançou o reconhecimento esperado como a rainha dos deuses. O que a tornou conhecida foram seus inúmeros problemas conjugais. De acordo com Robles (2019), “Convencida de que a união matrimonial é sagrada, Hera vive em cada mulher que permanece à sombra do marido, rendida a seus laços indivisíveis, obcecada, magoada e furiosa.” (ROBLES, 2019, p.49).

Liríope, a ninfa da voz suave, é mais conhecida por ser a mãe de Narciso, do que pela sua própria história. Antes de se tornar mãe, a jovem ninfa tinha como desejo “viver só e cantar sem rumo, por todos os lugares” (NOGUERA, 2017, p.53). Em algumas obras, afirma-se que Narciso foi gerado depois de Liríope se relacionar com Céfiso e, por isso, casou-se com o deus; porém, algumas outras afirmam que o deus-rio a estuprou e Narciso seria resultado dessa ação violenta (WILKINSON, 2018, p.114). No caso da ninfa Liríope, a maternidade nunca teve espaço em seus pensamentos e desejos e, por isso, em seu período gestacional, Liríope se viu inquieta diante de um futuro limitado e toda sua almejada independência ficou para trás. A narrativa de Liríope retrata as problemáticas que uma mulher enfrenta diante da maternidade:

Liríope é o mito da maternidade; mas, não sem problematizações internas que colocam em xeque a própria naturalização da condição materna. Liríope assume a contradição que há entre seus desejos, suas intenções e suas expectativas sociais. Tornar-se mãe implica perder sua individualidade. Quando uma mulher se torna mãe, as exigências da maternidade solicitam que ela deve concentrar sua atenção exclusivamente no bebê. (NOGUERA, 2017, p. 60).

É provável que Eva seja a personagem feminina mais conhecida da Bíblia. Seus atos de desobediência acarretaram punições para ela e seu companheiro, Adão, sendo uma delas a expulsão do casal do Jardim do Éden. Devido a sua atitude, ela é comumente associada à cobiça, à falta de força moral, ao profano, à irracionalidade e à responsabilidade pelo pecado. Além dos atributos negativos, Eva seria inferior a Adão, pois foi gerada a partir das costelas do parceiro. Assim como Eva, todas as mulheres seriam mais maliciosas que os homens, culpadas pelos males do mundo e inferiores ao homem, pois de acordo com a crença judaico-cristã, a mulher é oriunda dele. Sobre a atitude que ocasionou a expulsão de Eva e Adão do paraíso, Robles afirma que

A mulher, desde então, arrasta consigo o tríplice preconceito de haver cedido ao chamado do diabo; de se atrever a incitar ao pecado não a qualquer homem, porém ao mais inocente e puro de todos - àquele que, havendo resistido ao poder da serpente maligna, é seduzido, por sua própria inclinação, a sucumbir ante a imagem perfeita de seu Criador-; e, finalmente, de ser culpada pela perda do Paraíso. (ROBLES, 2019, p. 39).

Dos arquétipos associados às mulheres, os citados acima são alguns dos mais enraizados no imaginário coletivo social até hoje e, em diversos momentos, foram utilizados para que se mantivesse o gênero feminino em posição de subalternidade para com o masculino.

Os mitos mencionados nos mostram que o gênero feminino, mesmo quando em situações em que deveria ser protagonista, é colocado à sombra do gênero masculino ou como vilão e causador dos males no mundo. Ademais, a análise dos mitos e fundamentos religiosos revela que a origem do esquecimento do apagamento feminino se inicia no lugar que fora designado para as mulheres, no lugar que outrora era o lugar de seu protagonismo: o lar.

A desvalorização do serviço doméstico, o estar submissa ao “chefe da casa” – seja ele o pai ou marido –, como um satélite que orbita em torno da figura masculina; o apagamento da identidade da mulher ao se tornar a “mãe de”, a “esposa de”; a manutenção de uma relação matrimonial falida, apenas para não se perder o “status” que a mesma lhe confere perante a sociedade; ser culpada pelo sucesso ou o fracasso da vida de um homem, são alguns dos estigmas que foram vinculados por milhares de anos ao gênero feminino e, por esse fato, tal gênero foi descredibilizado ao longo da história.

Em razão da linha tênue entre o mito e realidade, observa-se que as sociedades idealizaram as mulheres, baseando-se nas especificidades de algumas dessas figuras míticas. No entanto, os discursos que serviram para essa fundamentação focalizaram principalmente em seus “erros” e “defeitos” e deixaram entender que, independentemente de sua individualidade, todas as mulheres seriam assim.

Entretanto, na contemporaneidade, há o resgate de mitos que celebram as mulheres evidenciando sua força, inteligência, astúcia e a união entre elas. Como é o caso do mito *La Loba*, presente no livro *Mulheres que correm com os lobos* (2018), de Clarissa Pinkola. O mito de *La Loba*, de acordo com a autora, traça paralelos com mitos universais sobre ressurreição.

O mito de *La Loba* diz respeito a uma velha que habita um lugar oculto, que todos sabem onde é, mas poucos foram os que viram, que parece esperar por alguém que procura por algo. Ela é conhecida por diversos nomes, inclusive *La Loba*. A respeito do que faz *La Loba*, Pinkola afirma: "O único trabalho de *La Loba* é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conversa especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo." (PINKOLA, 2018, p. 41). O mito de *La Loba* afirma que, ao reunir os ossos - sobretudo de lobo - que encontra até formar um esqueleto inteiro e cantar sobre eles, faz surgir dos ossos a forma de um lobo que quanto mais ouve a canção por ela cantada, mais forte fica, até que ao abrir os olhos, esse lobo sai correndo de onde de permanecia. Em determinado ponto dessa corrida, durante a qual teve contato com o mundo e as sensações que ele oferece, esse lobo transforma-se em uma mulher, que livre corre em direção ao horizonte.

À *La loba* pode-se associar as escritoras que recuperam, ou tentam recuperar, as histórias dessas mulheres que foram apagadas pelas sociedades. Ao seu trabalho, pode-se relacionar o trabalho de escritoras que buscam, por meios de relatos familiares ou históricos, criar personagens fortes e inspiradoras que influenciam a suas leitoras a romper com o que as limitam. Aos ossos, pode-se associar todos os pequenos fragmentos das histórias de mulheres incríveis que lutaram para vencer as opressões de suas épocas. Já no que diz respeito ao lobo, pode-se entender como as escritas femininas como um todo, que vão reunindo vivências de mulheres que passaram, passam e ainda passarão na vida de outras, estabelecendo de certa maneira uma conexão entre elas. À mulher que corre livre, pode-se associar às mulheres que compreendendo a si mesmas por meio de suas próprias convicções, estão livres para serem quem desejam ser.

## 2.4 Adquirir consciência de si por si mesmo

Bakhtin (1970), ao refletir sobre o processo de conscientizar-se sobre si e sobre o mundo, considera que, no instante em que surge a consciência, irrompem também as posições de “juiz” e dos “julgados” e, é a partir da concepção do sujeito que por alguma razão ocupa a posição de juiz, que os outros – os julgados – começam a ter noção não só do mundo ao seu redor, como também de si mesmos.

Perante a isso, torna-se evidente a essencialidade de conscientizar-se de si mesmo e do mundo, por meio de suas próprias percepções: esse processo é ainda mais fundamental para os grupos posicionados à margem da sociedade. No momento em que esses indivíduos conseguem desenvolver consciência de si, de seus semelhantes, do mundo ao seu redor e do que eles representam para o meio no qual estão inseridos, novas configurações sociais são delimitadas, enquanto concepções estigmatizadas são desconstruídas:

Com o surgimento da consciência no mundo (na existência) e, talvez, com o surgimento da vida biológica (...) o mundo (a existência) muda radicalmente. (...) Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega no mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (...), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo.(...) Como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro. Mais tarde ele começa a adequar a si mesmo as palavras e categorias neutras, isto é, a definir a si mesmo como homem independentemente do eu e do outro. (BAKHTIN, 2017 [1970], p. 30).

Compreende-se, então, que se definir de maneira consciente de si mesmo perante ao(s) outro(s) é imprescindível para construir sua própria identidade no meio social. Além disso, é também uma forma de se resguardar ante a julgamentos prejudiciais a si quando na posição de *outro*. Como exemplo, cabe citar o reducionismo intelectual, emocional e social que as mulheres sofreram quando definidas apenas por uma perspectiva masculina. Ao deixar como responsabilidade do outro a definição de quem se é, corre-se o risco de ser reduzido à forma como esse deseja defini-lo.

No que diz respeito às mulheres, tomar consciência de si por si mesmas é fundamental, uma vez que esse ato representa a legitimação de quem se é e também a autonomia para ser o que desejar ser. Esse momento representa o rompimento com a visão estigmatizada concebida

por uma perspectiva masculina que as posicionaram como sujeitos insignificantes para a história.

### **3.0 BREVE PERCURSO SOCIAL E HISTÓRICO DAS MULHERES - A LITERATURA E A MULHER**

#### **3.1 Breve panorama das mulheres na sociedade**

O mundo, tal qual se conhece, tomou por base uma perspectiva masculina; os espaços públicos, as artes, a filosofia e a história foram elaboradas por eles e para eles. Além disso, muito do que se sabe sobre as mulheres, provém de registros feitos por homens, já que o acesso à educação não lhes era permitido, salvo poucas exceções. Àquelas que nos tempos marcados pela dominação masculina ousavam romper com imposições e padrões sociais de sua época, ou eram adeptas a religiões consideradas heréticas, foram atribuídos estigmas negativos que, em alguns casos, as condenavam à morte.

Ao passo que vão rompendo com as convenções patriarcais, as mulheres (re)conquistam gradualmente os espaços que até então lhes eram negados. Todas essas mulheres exerceram influência sobre as gerações que as sucederam. Todavia, é somente com o surgimento do feminismo que elas conseguem maiores conquistas sociais. Apesar de terem sido parte significativa dentro de outros movimentos, apenas com o feminismo suas reivindicações começaram a ser ouvidas e tratadas com a devida seriedade.

O movimento passou por fases – conhecidas como ondas – e foi se atualizando, conforme as inúmeras demandas das mulheres que o compõem. Agora, passando pela sua quarta onda, pode-se dizer que o movimento é mais plural e representa grupos mais diversificados de mulheres.

Com a popularização da Internet, justamente uma das propulsoras desta quarta onda, o movimento tornou-se mais democrático, visto que as teorias fundamentadas em seus princípios transpassam os espaços acadêmicos e alcançam a todas e todos que desejam nelas se aprofundar. A democratização do feminismo permite que mais mulheres tomem consciência de si mesmas por suas próprias perspectivas e, com isso, reconstruam a concepção do que é ser mulher. Acerca disso Heloisa Buarque de Hollanda afirma que

Mas vale insistir: se algum movimento se beneficiou da lógica descentraizada das redes, sem dúvida esse movimento foi a insurreição feminista. A multiplicação de vozes ativas proporcionadas pelas redes permitiu um ganho significativo de visibilidade de correntes do feminismo até então pouco amplificadas, como o feminismo negro, trans ou lésbico. As questões mais recorrentes nas redes não diferem muito das pautas das ondas anteriores (...). A grande diferença hoje não está apenas na pauta do feminismo jovem, mas no encaminhamento dessas questões através da capacidade multiplicadora e articuladora da internet. Outro dado importante é que a rede potencializou uma estratégia feminista histórica, que se baseia na força agregadora do privado e das narrativas pessoais. (HOLLANDA, 2018, p.60).

### 3.2 Literatura: uma aliada

Assim como a Internet, aliada do processo de propagação do feminismo e da reconstrução da imagem feminina, está a literatura. Por meio dela, autoras de todo o mundo conseguiram retratar suas vivências e expor que as complexidades da mente feminina podem ir além do que os homens que as retratam podem imaginar e, por meio dela, muitas mulheres podem conscientizar-se sobre si mesmas.

A literatura, como uma manifestação artística que está presente nos mais variados âmbitos sociais, funcionando quase que como uma extensão da vida humana, permite ao sujeito não só imaginar e criar livremente, como também refletir acerca dos mais variados aspectos sociais, culturais, políticos etc. Ela, bem como outras manifestações artísticas, aproxima o indivíduo do sensível e é uma das maneiras mais eficazes de se estar no lugar do outro e experienciar suas vivências.

A literatura como instrumento sociológico e histórico, é o veículo que permite ao sujeito, que com ela mantém contato, compreender períodos históricos e comportamentos dos mais variados grupos sociais existentes. Para Bakhtin (2017 [1970]), a “literatura é parte inseparável da cultura”(BAKHTIN, 2017 [1970], p.11) e separá-la do contexto cultural do momento em que foi criada para analisá-la é um erro. Ainda de acordo com o pensamento do filósofo, todo o contexto sócio-cultural influencia diretamente na produção literária de uma época e, devido a essa influência, ela se torna o que é.

Bakhtin considera um erro ainda maior, “nocivo” – de acordo com seu pensamento –reduzir uma obra literária apenas à “época de sua criação, em sua chamada atualidade”. Para o filósofo, análises contemporâneas, “precisamente a partir de sua atualidade e do passado imediato”, são resultantes do temor de se “distanciar temporalmente do fenômeno em

estudo”, o que é visto por ele como um equívoco, pois uma obra sempre terá atrelada em si “suas raízes a um passado distante.”; ademais, a tentativa de um distanciamento temporal acaba por limitar uma análise e dessa maneira, faz com que “nunca penetramos nas profundezas de seu sentido” (BAKHTIN, 2017 [1970]):

O fechamento em uma época não permite compreender a futura vida da obra nos séculos subsequentes;(…). As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (...) uma vida mais intensa e plena do que na atualidade. (...). Entretanto, uma obra não pode viver nos séculos futuros se de certo modo não reúne em si também os séculos passados. Se ela nascesse toda e *integralmente* no presente (...), não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre com ele. (BAKHTIN, 2017 [1970], p. 11-14).

No que concerne à literatura, é possível defender também, que ela desempenha a função de difusora de ideias, espelho social, mecanismo de ensino e, também, de depositário da memória e dos testemunhos da humanidade, sendo eles os mais plurais possíveis, desde que ela surgiu até os dias de hoje.

Quando diante de um espelho, o sujeito está diante de si mesmo, está diante de sua materialidade física, da sua imagem, e esse é o momento da tomada de consciência do seu eu, é o momento em que o sujeito se reconhece, ou não, com o que está diante dele mesmo. Pode-se dizer que, similar a isso, é o momento em que, alguns indivíduos, quando diante de uma obra literária, vêem-se no personagem, e isso – o ato de identificação – seria algo próximo ao reflexo no espelho.

Em seu conhecido ensaio, *Um teto todo seu* (2014 [1929]), Virginia Woolf elabora reflexões acerca da condição social e literária feminina. No texto, a autora, atribui questões socioeconômicas como um dos fatores que impediram as mulheres de seguirem na carreira literária, além do fato de estarem inseridas em uma sociedade patriarcal. Woolf também questiona, dentre tantas outras questões, o porquê das mulheres serem alvo de tanto interesse dos homens escritores e o porquê de tantos deles as retratarem de maneira equivocada, rasa, fútil, como um ser inferior ao masculino. A escritora aponta o seguinte:

(...) havia um grupo enorme de opiniões masculinas que atestavam que nada deveria ser esperado das mulheres do ponto de vista intelectual.(...) Sempre haveria uma afirmação dessas- você não pode fazer isso; você é incapaz de fazer aquilo- contra a qual protestar ou que se devia superar” (WOOLF, 2014 [1929]), p. 79)

Com o decorrer do tempo, as mulheres perceberam que as imagens femininas construídas por autores masculinos, em geral, já não correspondiam ao que as mulheres pensavam a respeito de si mesmas, não havia identificação com essas imagens. Em relação à necessidade masculina em diminuir as mulheres para alimentar seus egos, Woolf afirma que por séculos, os homens, utilizaram-se das mulheres como uma espécie de espelho no qual eles viam suas imagens distorcidamente projetadas com o dobro de seu tamanho. Ela considera ainda que, caso as mulheres não figurassem como essa espécie de “espelho mágico e delicioso”, a “terra ainda seria pântanos e selvas”. (WOOLF, 2014 [1929]), p. 54). Sobre a questão da mulher como um espelho para os homens, a autora afirma

Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heróicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer. Isso explica, em parte, a necessidade que as mulheres representam para os homens. E serve para explicar como eles ficam incomodados com as críticas delas; (...). Pois se ela resolver falar a verdade, a figura refletida no espelho encolherá; sua disposição para vida diminuirá. (WOOLF, 2014 [1929], p 55)

Woolf (2014 [1929]) critica o fato de que ainda no século XIX não havia encorajamento para que as mulheres exercessem alguma carreira artística; ocorria o oposto disso; ela afirma que a mulher “era desprezada, estapeada, repreendida e aconselhada” e ela atribui isso a um “complexo masculino obscuro” que nutre o desejo de sempre se colocar posição de superioridade em relação às mulheres, mesmo não havendo nenhuma possibilidade delas alcançarem as mesmas posições sociais que eles. Segundo a autora, tal complexo faria os homens se colocarem “onde quer que se olhe” e tal fato bloquearia quaisquer fossem os caminhos que as mulheres desejassem seguir. (WOOLF, 2014 [1929] p.81)

Ante a reflexão feita na seção anterior e aos pensamentos de Woolf, compreende-se que a consciência da mulher sobre si mesma veio através *das palavras, das formas e da tonalidade* que os homens lhes atribuíram, o olhar e a consciência que elas tinham de si mesmas eram, então, de inferioridade.

Porém, as mulheres em busca da desvinculação dessa imagem distorcida e em busca da sua imagem correspondente, por já não aceitarem mais essas atribuições, passam a escrever sobre si mesmas. As escritas produzidas por essas mulheres, apresentam então uma nova forma do sujeito mulher.

Através da autoria feminina, a imagem que outrora fora construída, pode ser refutada. A construção de narrativas e personagens fortes e complexas ajudaram e inspiraram a reconstrução da imagem de uma mulher como intelectualmente capaz de qualquer coisa que se proponha a fazer. Entretanto, é necessário ter ciência de que essa escrita, de autoria feminina, assim como a história de muitas mulheres geniais, foi por muito tempo obliterada pela escrita masculina e pelo sexismo.

#### **4. ROMANCE FAMILIAR DE AUTORIA FEMININA COMO MEIO DE REMEMORAR E REESCREVER A HISTÓRIA DAS MULHERES**

O romance é um gênero literário marcado por sua maleabilidade no que diz respeito à forma, conteúdo e adaptação ao período-sócio histórico e temporal no qual está inserido. A ele não se podem atribuir definições que o limite a um padrão único e imóvel. Pode-se dizer que o romance é um gênero que vem a ser, pois, enquanto outros gêneros caíram em desuso, o romance apresenta novas configurações.

Para Bakhtin, o romance se torna um dos principais gêneros literários existentes, por ter em sua essência um caráter evolutivo. Segundo o filósofo, “somente o que evolui pode compreender a evolução”. (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 400). Atribui-se a esse fato, o romance figurar como um “personagem principal” da literatura e seu drama evolutivo. De acordo com os pensamentos bakhtinianos, o romance “contribui para a renovação de todos os gêneros”. (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 400). Ainda em concordância com o autor russo, o gênero romanesco influencia tanto os outros gêneros porque “antecipou e ainda antecipa, a futura evolução de toda a literatura.” (BAKHTIN, 1998 [1975], p.400).

O gênero é composto por subgêneros; dentro desse leque de subgêneros, destacamos o romance de família, o qual, desde o seu surgimento, passou por inúmeras transformações. O romance familiar assim é conhecido, por trazer em seu desenvolvimento a narração da evolução de uma família através de inúmeras gerações e por meio de uma escrita realista. Esse subgênero do romance ganhou popularidade no fim do século XIX e início do século XX, entretanto, na segunda metade desse mesmo século, encontrava-se desgastado. Apesar disso, o romance familiar, assim como todo romance, modificou-se e apresentou novos elementos que o fizeram diferente daquele que foi o início do século. À nova estrutura desse subgênero foram adicionados aos traços ficcionais, traços não ficcionais – que em sua maioria eram dados autobiográficos dos autores.

Ainda em relação à sua estrutura, é válido ressaltar que estes romances de família possuem foco na evolução ou decadência da família ao longo de um determinado período de tempo. Geralmente, apresentam também uma ordem cronológica linear e com narrador onisciente em terceira pessoa.

A partir da Pós-Modernidade, o romance familiar passou a ser denominado de “romance memorial”. Isso se deve ao fato de que o seu “foco deixa” de ser a interioridade – o “eu” narrador – para se tornar a exterioridade (BERND e SOARES, 2016, p. 407). Conforme Bernd e Soares, esse tipo de romance está diretamente “associado à recuperação de memória cultural, revelando preocupação com a temática da ascendência e da ancestralidade: falar dos pais torna-se subterfúgio para falar de si próprio e de seu herdeiro da tradição parental”. Outro ponto característico ao romance familiar-memorial é o encontro de objetos que remontam aos antepassados e, na maioria das vezes, são esses encontros que configuram o início das histórias pertencentes a essas obras.

Das categorias dos romances familiares, é válido para esta pesquisa ressaltar os romances familiares de autoria feminina, pois os mesmos estão envoltos em narrativas que buscam recuperar sua ancestralidade através de um viés matrilinear. As obras de autoria feminina pertencentes a esses subgêneros invertem a lógica do patriarcado, e por meio das árvores genealógicas das personagens seguindo veias matrilineares, reconstróem a memória das mulheres, além de ajudarem a (re)compor uma nova identidade feminina que será o referencial das gerações posteriores.

Em alguns romances familiares de autoria feminina, o início é dado, não por meio do encontro com algum objeto que remeta a um antepassado, mas sim por meio do “nascimento” de personagens fundamentais para a história.

## 5 ANÁLISE DA OBRA

### 5.1 Quem foi Ingeborg Drewitz?

Ingeborg Drewitz foi uma autora e editora alemã que, por cerca de quase trinta anos, produziu uma vasta obra ficcional e não ficcional. Nascida em Berlim, Alemanha, no ano de 1923, Drewitz – assim como outras mulheres de sua época –, precisou enfrentar os obstáculos sociais que limitavam a liberdade das mulheres. Contrariando a vontade de seu pai, a escritora prosseguiu com seus estudos e, no ano de 1945, conquistou o título de Doutora.

Assim, nascida em uma época em que para que as mulheres usufruissem de direitos básicos era necessária a permissão dos maridos, Drewitz foi uma transgressora. Sem sujeitar-se às imposições sociais de sua época publicou por conta própria, oito romances entre os anos de 1958 a 1986. A escrita foi parte indissociável da vida de Ingeborg Drewitz, que nunca deixou de escrever, independentemente das circunstâncias. Ela acreditava no poder das palavras e da escrita como forma de emancipação e como uma forma de as pessoas se manterem dignas. Drewitz também ficou conhecida por seu engajamento político e posicionamento a favor das mulheres e das minorias sociais e culturais.

Ao lado de grandes autores da literatura alemã, como Günter Grass, Heinrich Böll e Martin Walser, Ingeborg Drewitz fundou a *Verband Deutscher Schriftsteller* – Sindicato dos Autores Profissionais, no ano de 1969. Além disso, através da Anistia Internacional, manteve contato com autores perseguidos e se esforçou para que prisioneiros tivessem suas obras publicadas.

Em algumas de suas obras, Drewitz discute o papel social das mulheres e as transformações sociais pelas quais a Alemanha passou. Justamente, um exemplo de uma obra literária de Ingeborg Drewitz em que é possível identificar esses elementos é o romance *Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart* (1978).

Ingeborg Drewitz faleceu devido a um câncer no cólon, descoberto em um estágio avançado, em novembro de 1986. Em seu nome, foi concedido pela União Humanista de Berlim-Brandemburgo (*Humanistischen Union Berlin-Brandenburg*) – uma organização independente de direitos civis – o prêmio “Ingeborg Drewitz”, para aqueles que são exemplos

de força, coragem e resistência na luta contra a injustiça social. Além disso, o prêmio celebra o seu comprometimento político, seu posicionamento em favor dos prisioneiros e refugiados, e também ao apoio constante àqueles que lutam contra as injustiças sociais. O prêmio não tem data certa para ser concedido; a última premiação ocorreu no ano de 2010.

Apesar de sua importância para a literatura e ações sociais, Ingeborg Drewitz, não é uma autora muito difundida no Brasil.

## 5.2 Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart - Ontem foi hoje: cem anos agora.

No intuito de corroborar com a ideia de que a escrita de autoria feminina serve como um recurso para reconstrução da imagem feminina, é pertinente citar o romance alemão *Gestern War Heute: Hundert Jahre Gegenwart (1978)*, de Ingeborg Drewitz. Pertencente ao subgênero romance familiar-memorial e com aspectos autobiográficos, sua narrativa é desenvolvida sob uma perspectiva feminina e aborda a vida cotidiana de uma família alemã e os problemas socioeconômicos causados pelas transformações sociais pelas quais a Alemanha passou entre o período de 1923 a 1978 e que afetaram diretamente essa família.

Estruturalmente elaborada sob um viés matrilinear, a obra aprofunda-se principalmente nas personagens femininas e suas vivências, optando por abordar os personagens masculinos como componentes secundários que ajudam a complementar tais narrativas. Dessa maneira, a estrutura do romance, é possível afirmar que ela subverte a lógica do patriarcado usada para o apagamento social feminino. Acerca dessa lógica, Rebecca Solnit afirma que “a coerência – do patriarcado, da ancestralidade, da narrativa – é feita por eliminação e exclusão” (SOLNIT, 2017, p.89)

A obra acompanha acontecimentos históricos e segue uma ordem cronológica linear, de maneira que são registradas as transformações sociais desses períodos e seus impactos para as mulheres. Devido a isso, apresenta personagens que acompanham os padrões sociais de sua época, enquanto outras os transgridem.

Por ser esse o período em que o feminismo estava se consolidando como um movimento significativo nas sociedades, são as personagens das gerações mais recentes as que mais se distanciam dos padrões sociais hegemônicos. Essas personagens, diferentemente de algumas de suas antepassadas, já não vivem mais apenas para suas relações familiares e atividades associadas ao espaço doméstico; pelo contrário, elas já desfrutam de maior

liberdade civil e ocupam espaços outrora negados. Além disso, por mais que estejam inseridas em circunstâncias sócio-culturais distintas, essas personagens são atravessadas pelas mesmas opressões no que diz respeito ao ser mulher e, por isso, ao mesmo tempo que são distantes, são próximas.

A cena de abertura da obra acontece momentos antes do nascimento de Gabriele – figura central da narrativa e personagem que marca o início da quarta geração de mulheres de uma mesma família; nela são apresentados aos leitores alguns familiares de Gabriele, como a bisavó – personagem sem nome –, o avô Gustav, pai de Gabriele – igualmente sem nome –, sua avó Alice e sua mãe Susanne.

Antes de conhecer a história pela perspectiva de Gabriele, o leitor é imerso nos pensamentos dos familiares, que refletem sobre o momento em questão, sobre o passado e sobre o futuro que irá mudar, assim que a nova vida chegar. Contudo, o pensamento que mais chama atenção é o pensamento de Gustav, pai de Susanne e avô de Gabriele.

Gustav passa esse momento recordando os planos que fez para Susanne, os investimentos para que ela se tornasse a melhor das pianistas, os momentos em que a viu tocar e como seria a vida de sucesso da filha, que não passaria as necessidades pelas quais ele passou. Alinhado às noções do papel materno de sua época, Gustav – que, juntamente com sua esposa, planejou um futuro de sucesso para a filha – vê a gravidez de Susanne e o seu casamento com um desenhista mal sucedido como o fim de seu triunfo.

Susanne observou, como se não dissesse respeito ao entusiasmo da mãe, sentou-se ao piano pela manhã e, até o Natal ela praticou seis horas todos os dias, até que ficou difícil para ela sentar-se e o remédio de azia já não surtia mais efeito. Porém hoje, não, ontem pela manhã, Susanne se obrigou a tocar por duas horas e se negou a dar um passeio. (...) Gustav só queria um filho, pois conheceu a miséria de uma casa com muitos; quando se são muitos, ninguém está saciado, ninguém aprende nada direito e a mãe fica esgotada. Eles ficaram preocupados quando Susanne teve escarlatina, quatro semanas de febre e descamação na pele. Eles viviam apenas para Susanne e, quando a guerra estourou, deram um suspiro de alívio por terem uma menina e nenhum filho. Eles mandaram Susanne para o conservatório, economizaram, enxugaram e se mudaram para o apartamento de três cômodos em Moabit<sup>2</sup> para que ela pudesse praticar. *E ontem de manhã, quando ela voltou a tocar, A Polonaise, de Chopin, foi meio que um fim. (Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart, DREWITZ, Ingeborg., 1978, p., 16.)*<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Bairro residencial multicultural no distrito de Mitte, Berlim. (Fonte: Google. Acesso em: 9 de nov. de 2021).

<sup>3</sup> “Susanne hatte zugesehen, als ginge sie Mutters Eifer nicht an, hatte sich ans Klavier gesetzt morgens, noch bis Weihnachten hatte sie täglich sechs Stunden geübt, bis ihr das Sitzen beschwerlich wurde und Bullrich-Salz nichts mehr gegen das Sodbrennen half. Aber noch heute, nein, gestern morgen hatte sich Susanne genötigt, zwei Stunden zu spielen, und abgewinkt, als sie ans Spazieren Gehen mahnte. (...). Gustav hatte nur ein Kind gewollt, kannte das Elend von zuhause, wenns zuviele sind, wenn keiner satt wird, keiner was rechtes lernen kann, die Mutter sich abplagt. Sie hatten gebangt, als Susanne Scharlach hatte, vier Wochen Fieber, die blätternde Haut.

À essa situação é cabível associar o mito de Liríope, uma vez que nele são retratadas as expectativas da sociedade para a mulher que se tornará mãe. Assim como a ninfa, Susanne possui uma vida ligada à música, aspirações para um futuro como uma mulher independente e livre. Entretanto, com a chegada de sua bebê, Susanne cede sua individualidade em detrimento do papel de mãe que a sociedade espera que ela tenha. Ela se afasta de suas aspirações individuais e passa a viver pela família. É possível dizer que o momento em que Susanne separa-se de sua individualidade para assumir o papel da mãe que se sacrifica pela filha, está no seguinte trecho “ Você ao invés de mim. Você, é isso que importa.<sup>4</sup>”,(DREWITZ, 1978, p.27).

A partir desse momento, a história irá focar em Gabriele e suas vivências. A personagem de Gabriele nos é interessante para esta pesquisa, pois através dela, o leitor conhece uma figura feminina inteirada a tudo o que acontece ao seu redor, como os problemas de sua família e questões políticas, por exemplo. Além disso, Gabriele é uma personagem que representa o início de uma geração de mulheres que almejam cada vez mais se separar das imposições sociais que cerceavam sua liberdade social.

Desde de muito jovem, Gabriele demonstra possuir uma personalidade forte, posicionado-se de acordo com o que acreditava. O seu relacionamento familiar é muito mais forte com a mãe do que com o pai. É interessante observar a maneira como o pai de Gabriele é tratado na narrativa. Ao longo de todo o livro, esse personagem não é sequer nomeado. Figura problemática – frustrado por ser mal-sucedido em sua carreira – o pai de Gabriele é simpático ao nazismo. Pondera-se então que, essa não nomeação possa ser uma maneira de distanciar-se ao máximo dessa figura paterna que representa o oposto do que a filha defende.

Durante a sua adolescência, Gabriele opõe-se à ideia de comapctuar com o regime nazista ainda em vigor no país e se junta aos que estavam dispostos a ajudar, em segredo, os que de alguma maneira foram afetados pelo regime. Ainda durante sua adolescência, Gabriele vive rápida paixão por um rapaz e vivencia sem receio algum, sua sexualidade.

---

Sie hatten nur für Susanne gelebt, und als der Krieg ausbrach, aufgeatmet, dass sie ein Mädchen hatten und keinen Sohn. Sie hatten Susanne ins Konservatorium geschickt, gespart, gedarbt, waren in die Dreizimmerwohnung nach Moabit umgezogen, damit sie üben konnte. Und gestern morgen, als sie noch einmal gespielt hatte, die Polonaisen, Chopin, war etwas Ende gewesen.” (Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart, DREWITZ, Ingeborg., 1978, p. 16)

<sup>4</sup> “Du statt ich. Du, das ist wichtig.” (DREWITZ, 1978, p.27)

Gabriele “gosta de estar no ambiente universitário, onde a guerra não é um tema dominante”. (DREWITZ, 1978, p. 133.)<sup>5</sup>. A personagem opta por cursar Filosofia e História. Enquanto seu pai desdenha de seus planos, sua mãe a incentiva a prosseguir seus estudos. “O pai riu com desdém quando ela falou sobre a conversa no café da manhã de domingo. (...) Com o pai não se pode falar. E a mãe disse, apenas estude, aprenda algo. Para alguma coisa, isso será bom”.<sup>6</sup> (DREWITZ, 1978, p.133/134). A atitude do pai de Gabriele, remete ao que Woolf (2014 [1929]) afirma sobre a necessidade dos homens em diminuir as mulheres para que assim se sintam melhores socialmente.

Na Universidade, Gabriele se aprofunda nas teorias filosóficas e nas literaturas clássicas, que despertam nela o desejo de compreender melhor a manifestação dos sentimentos, a vulnerabilidade do *eu*. Na sua fase adulta, Gabriele percebe que não ter uma vida como a de sua mãe e de seu pai: “Não quero ser como meu pai e minha mãe, consumidos por discussões e preocupações diárias, por sujeira e cheiro de roupa suja, e meia culpa na frente um do outro.”<sup>7</sup> (DREWITZ, 1978, p.188).

Mais à frente no romance, Gabriele conhece Jörg, com quem se casará. Porém, nos momentos que antecedem o casamento, Gabriele é tomada por um medo de que ela acabe repetindo a história de sua mãe, avó e bisavó, limitada ao mundo e afazeres domésticos e maternos; o temor de Gabriele é perder suas possibilidades como um sujeito independente, como detentora das próprias opiniões e acabar resumida a lembranças fotográficas.

Medo, medo desse idílio: homem e mulher, talvez uma ou duas crianças. Medo de voltar sempre para: homem e mulher, homem e mulher. Medo da vida que a mãe, a avó e a bisavó viveram: fora do mundo e dentro de quatro paredes - não, sem segurança. Até agora, ela sempre esperou a cada ano que passava, falar mais claramente com a mesma liberdade de quando era criança. EU: isso é mais forte do que as lembranças ao olhar os álbuns de fotografia, do que o desejo do calor na pele, de tocar a ponta dos dedos, de morder o peito, do desejo impetuoso. EU: a mão e olhos e a dignidade um do outro tem que se relacionar. EU: o pensar, o fazer e o sentir tem que se relacionar. No seminário, ela percebeu os rostos à luz das lâmpadas de trabalho, os corpos esquecidos, a possível ou necessária redução das pessoas à cabeça.<sup>8</sup> (DREWITZ, 1978, p. 196).

<sup>5</sup> “(...) aber sie ist gern in der Universitäts Umwelt, in der der Krieg nicht das alles beherrschende Thema ist.” (DREWITZ, 1978, p, 133)

<sup>6</sup> “ Vater hat höhnisch gelacht, als sie sonntags beim Frühstück von dem Gespräch erzählt hat. (...) Mit Vater ist nicht zu sprechen. Und Mütter sagt, studiere du nur, lerne was, Zu irgendwas wird es gut sein.” (Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart, DREWITZ, Ingeborg., 1978, p. 133/134).

<sup>7</sup> “ Ich will nicht so werden wie Vater und Mutter, von täglichen Auseinandersetzungen und Sorgen verbraucht, von Dreck und Wäschegegeruch und halber Schuld, der eine vor dem anderen.”

<sup>8</sup> Angst, Angst vor dieser Idylle: Mann und Frau, vielleicht auch ein Kind oder Zwei. Angst vor der Immer-Wiederkehr: Mann und Frau und Mann und Frau. Angst vor dem Leben, das Mutter gelebt hat und Großmutter und Urgroßmutter: Draußen die Welt und hinter den vier Wänden - nein, keine Geborgenheit. Bisher

Apesar de continuar com suas atividades, após o casamento algumas coisas mudam na vida de Gabriele. Ela se torna mãe de duas meninas, Renate e Cornelia; sua mãe falece e então ela começa a refletir acerca da vida que levou durante os anos em que viveu com sua família. Além disso, ela deixa Jörg por um tempo e vai viver na casa de uma amiga, juntamente com suas filhas. Nesse período, a vida de Gabriele é perpassada por diversos acontecimentos, felizes e trágicos; a sua felicidade por ter conquistado uma vaga no doutorado se transforma em dor após – na volta da festa de celebração – ter sido violentada por um dos convidados. Além disso, ainda nesse período, Gabriele perde a filha Cornelia em um acidente que ocorreu quando a mesma tentava escorregar sobre um corrimão.

Posteriormente à perda da filha, Gabriele e Jörg reatam o casamento e juntos têm Claudia, a terceira filha do casal. Apesar de estar vivendo um momento mais calmo em sua vida, Gabriele não deixa de se questionar sobre as funções sociais das quais estão incubidas as mulheres; é então que no aniversário de seis anos da filha Claudia, Gabriele reflete sobre todas as responsabilidades atribuídas às mulheres. “Na festa de aniversário de uma criança, a mãe fica de pé até a noite, tem que distribuir bolo, servir o achocolatado, cuidar para que ninguém fique mal do estômago, tem que tirar a mesa para brincadeiras (...)”<sup>9</sup>. (DREWITZ, 1978, p. 290).

Gabriele não teve a mesma vida que a mãe, a avó e a bisavó. Entretanto, assim como suas antepassadas, ela também abdica de sua individualidade e de seus ideais em favor de sua família. Renate, sua filha mais velha, é a que mais se assemelha a ela. Assim como na juventude de Gabriele, Renate é engajada em causas políticas e se posiciona em favor das minorias sociais e culturais. Além disso, assim como a mãe, Renate não quer se prender a um destino ao qual quase todas as mulheres estão destinadas. O medo que atingiu Gabriele um dia, também atinge Renate que questiona a mãe o porquê dela ter desistido do seu próprio “eu”.

---

hat sie doch immer gehofft, mit jedem Jahr deutlicher zu werden, endlich wieder so unbefangenen Ich zu sagen, wie als Kind. ICH: das stärker ist als Erinnerungen bei der Betrachtung von Fotoalben, als das Verlangen nach Hautwärme, nach den Berührungen von Fingerkuppen, nach dem Biss in die Brüste, nach dem fiebrigen Begehren. ICH: dass Hände und Augen und Scham zueinander in Beziehung bringen muss. ICH: das Denken und Tun und Fühlen zueinander in Beziehung bringen muss. Im Seminar waren ihr die Gesichter im Schein der Arbeitslampen aufgefallen, die vergessenen Körper, die mögliche oder notwendige Reduktion des Menschen auf seinen Kopf. (Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart, DREWITZ, Ingeborg., 1978, p. 196).

<sup>9</sup> “ Beim Kindergeburtstag ist eine Mutter bis zum Abend auf den Beinen, muss Kuchen zuteilen, Kakao einschenken, aufpassen, dass sich niemand den Magen verdirbt, muss den Tisch abräumen für die Spiele.” (DREWITZ, 1978, p. 290)

(...) Você poderia ter se tornado uma jornalista conhecida, você tem uma visão coerente, sabe muito e tem coragem; você desistiu. Por causa de nós? Por causa do papai? Me perdoe, mãe, eu não entendo! Não entendo você viver como se não fosse tão importante para você. É disso que tenho medo.

A violência de Renate a assusta, mas ela sorri.

Ela não pode dizer a ela que essas são suas próprias perguntas, feitas de um lado para outro, feitas como afirmações, colocadas em orações subordinadas e ainda sem respostas.<sup>10</sup> (DREWITZ, 1978, p. 315).

O medo que perpassa mãe e filha, remete ao arquétipo representado pela deusa grega Héstitia que – independente de sua importância, do seu cuidado para com o outro e de suas atitudes – é uma deusa pouco lembrada e frequentemente desvalorizada. Além disso, o medo que as perpassa é o medo de ter uma vida e não poder vivê-la, é o medo de ver suas possibilidades de vir a ser encerradas apenas por ser mulher, é o medo de ter sua existência apagada.

Determinada a viver a vida à sua maneira, Renate prepara-se para deixar a casa dos pais, avisando apenas à sua irmã Claudia sobre a sua decisão.

Certa manhã de novembro, Renate está na cozinha de casaco, duas sacolas abarrotadas e uma mala na mão e diz: Estou partindo. Ela coloca a chave do apartamento na mesa da cozinha. Não me procure! Ela se vira, sem beijo ou aperto de mão, deixa a mala no corredor escuro para abrir a porta do apartamento, pega a mala e a coloca de volta no patamar, fecha a porta. Seus passos na escada.<sup>11</sup> (DREWITZ, 1978, p. 342).

Gabriele ficou atônita ao ver a filha ir embora sem lhe comunicar nada anteriormente e Jörg, ao receber a notícia, apenas afirmou: “Você ensinou a ela sobre a liberdade.”<sup>12</sup> (DREWITZ, 1978, p. 345).

A narrativa não se finda com a partida de Renate, sua irmã, por exemplo, casa-se, torna-se mãe e é feliz com essa vida; Gabriele e Renate, que vive a vida da maneira como

<sup>10</sup> “(...) Du hättest eine Starjournalistin werden können, du siehst Zusammenhänge, weißt viel und hast Mut; du hast verzichtet. Unsertwegen? Vaters wegen? Verzeih mir, Mama, ich versteh das nicht! Dass du lebst, als wärest du dir nicht so wichtig, das verstehe ich nicht. Davor habe ich Angst. Renates Heftigkeit erschreckt sie, aber sie lächelt. Sie Kann ihr nicht sagen, dass das ihre eigenen Fragen sind, immer wieder hin- und hergewendete Fragen, als Behauptungen aufgestellt, in Nebensätze abgedrängt, und immer noch unbeantwortet.” (DREWITZ, 1978, p. 315).

<sup>11</sup> “Im November steht eines Morgens Renate in der Küche, hat den Mantel an, zwei vollgestopfte Taschen und einen Koffer in der Hand und sagt: Ich geh jetzt. Sie legt den Wohnungsschlüssel auf den Küchentisch. Sucht mich nicht! Sie dreht sich um, kein Kuss, kein Händedruck, stellt im Dunkel des Korridors den Koffer ab, um die Wohnungstür zu öffnen, hebt den Koffer an, stellt ihn auf dem Treppenabsatz wieder ab, zieht die Tür zu. Ihre Schritte auf der Treppe.” (DREWITZ, 1978, p.342).

<sup>12</sup> “Du hast ihr das beigebracht mit der Freiheit (...)”. (DREWITZ, 1978, p.345)

escolheu viver, ainda se encontram em alguns momentos e refletem sobre a vida. Entretanto, a fala de Jörg acerca da partida da filha é uma fala importante para o que propõe essa discussão.

Ao longo da obra de Drewitz, o leitor se depara com gerações diferentes de mulheres que caminham para uma maior liberdade civil. De maneira gradual, essas mulheres vão conquistando seus espaços e direitos civis; além disso, viu-se que, às vezes, essas conquistas somente serão concretizadas em uma geração posterior.

Apesar de nem todas as personagens desta obra terem conseguido desfrutar de uma vida pautada em seus desejos, é notável que conscientizar as gerações mais novas sobre o que o mundo pode ofertar os lugares que se podem ocupar na sociedade foi um fator crucial para que a última geração retratada no livro pudesse romper com as imposições sociais e escolher o estilo de vida que desejasse ter.

Ainda que essas personagens tenham, por alguma razão, renunciado a um pouco de suas individualidades para concentrar-se apenas em suas famílias, a maneira como elas são construídas – mulheres mais talentosas que seus companheiros, com maior consciência política, sem medo de posicionar-se politicamente, sem medo de vivenciar sua sexualidade, com o desejo de conquistar mais e mais espaços, com o desejo de ser livre – influencia diretamente o público feminino que consome esse tipo de obra: aí que reside sua importância.

### 5.3 O nascimento e a escrita feminina

O romance familiar-memorial, como mencionado anteriormente, apresenta como um elemento característico de suas narrativas, o encontro de algum objeto que irá remeter à ascendência familiar de seu personagem principal. Galle (2014) afirma que “A descoberta de um diário, de uma caixa com cartas amareladas ou de uma mala contendo fotografias reveladoras – esses são muitas vezes os pontos de partida para a reconfiguração da memória familiar.” (GALLE., 2014, p. 204). Entretanto, observou-se que no romance *Gestern war Heute: Hundert Jahre Gegenwart*, apesar de no meio da narrativa, Susanne e Gabriele encontrarem um vestido de noiva antigo no quarto de seus pais e avós, o início se dá através do nascimento daquela que será o princípio de um novo modo de viver para as suas gerações descendentes.

(...) Mas hoje eles estão ocupados. Ela ouve os passos apressados no corredor, batidas no fogão da cozinha e a maneira como a água bate na chaleira. E às vezes

gemendo, no quarto ao lado, Susanne – a neta – está em trabalho de parto. Ela sabe como ela nasceu.(...) O primeiro parto e Susanne ainda não é tão robusta, da mesma maneira que não era Licinha quando chegou a hora. (...) O homem não tem serventia quando nasce uma criança. Permaneça fora daqui - disse a mulher, você com sua inquietação! Era noite quando a filha se deitou, pois havia chegado a hora. Porque começou o trabalho de parto. O apartamento é suficientemente pequeno, nele estão três gerações e, quando a criança está lá, quatro.(...)” (DREWITZ, 1978, p.7-9).<sup>13</sup>

Dentre algumas das narrativas míticas que abordam o nascimento como um ponto de transformação, é possível citar mitológica grega que diz respeito ao nascimento de Urano. De acordo com ela, antes de Gaia – a primeira deusa grega – conceber e dar à luz a Urano, o universo era regido pelo Caos. A partir do nascimento de Urano, o universo deixa de ser um ambiente vazio e de profundidade extrema, silêncio e escuridão.

Entretanto, dentre todos os nascimentos, nenhum impactou as sociedades da mesma maneira que o de Jesus Cristo. Embora algumas civilizações apresentassem suas próprias contagens de tempo, o nascimento de Jesus Cristo, presente na narrativa religiosa judaico-cristã, impactou não só ao seu povo e nem somente à população de sua época ou aqueles que nele acreditam, como também impacta – ainda hoje – a diversas civilizações. Após séculos de seu nascimento, a ideia de usar a data do nascimento de Cristo como um ponto referencial para organizar a linha cronológica foi adotada e propagada pelo Império Romano, sendo acatada por inúmeras civilizações como uma data oficial universal para a contagem de tempo. Essa convenção foi instaurada para que assim houvesse maior facilidade entre as relações globais.

Dessa maneira, entende-se o nascimento como uma metáfora para a narrativas de escritas de autoria feminina, como em *Gestern war heute: Hundert Jahre Gegenwart*. Para melhor compreender essa analogia, é necessário voltar-se às definições do verbo *nascere*; dentre seus significados, nascer apresenta as seguintes definições: “passar a ter vida exterior no mundo”, “vir ao mundo”, “tomar forma”, “ficar visível”.

Ainda que não tenha se concretizado, Susanne foi a primeira de sua família a ser preparada para deslocar-se desse mundo privado, para o mundo exterior. Seu pai, que era o

---

<sup>13</sup> “(...) Aber heute sind sie beschäftigt. Sie hört eilige Schritte auf dem Korridor und das Stärken im Küchenherd und wie das Wasser in den Kessel prasselt. Und manchmal Stöhnen. Im Nebenzimmer liegt Susanne in dem Weh, die Enkelin. Sie weiß noch, wie die geboren wurde. (...) Die erste Geburt und Susanne ist nicht so robust, genauso wenig wie es Lieschen<sup>#</sup> war damals, als es soweit war. (...) Ein Mann ist unnützlich, wenn ein Kind geboren wird. Bleib du draußen, hat seine Frau gesagt, du mit deiner Unrast! Das war abends, als die Tochter sich hingelegt hat, weil es soweit war. Weil die Wehen eingesetzt haben. Die Wohnung ist eng genug, drei Generationen, und wenn das Kind da ist, vier.” (DREWITZ, 1978, p.7-9)

maior entusiasta de Susanne, desejava que através da música a filha mudasse de vida e fosse reconhecida devido ao seu talento. Entretanto, é com Gabriele que esse deslocamento da esfera privada para o exterior; mesmo que ainda cuide de sua família, a personagem tem toda uma vida que ocorre fora do espaço domiciliar. O mesmo pode-se dizer de sua filha Renate.

Outro ponto que torna possível a analogia da escrita feminina, pautada em um viés matrilinear, com o nascimento é a inversão da lógica patriarcal nela presente. Em obras como *Gester war heute: Hundert Jahre Gegenwart* (1978), o desenvolvimento das personagens femininas é maior do que o dos personagens masculinos; esses são retratados sem muito aprofundamento.

Obras como essas elaboram uma estrutura em que as mulheres ocupam um lugar central nas narrativas, essas autoras permitem que as mulheres saiam das sombras da história e fiquem visíveis para os seus leitores.

## 6. Considerações finais

A presente pesquisa partiu do questionamento sobre o porquê de, ao longo dos anos, a imagem que se construiu das mulheres ter sido inferiorizada perante a imagem do homem. Ante as pressuposições aqui analisadas, constatou-se que as sociedades foram se formando e se transformando sob a visão e os interesses masculinos. Conforme mais poder ganhavam os homens, mas eles moldavam as instituições sociais aos seus interesses, de maneira a colocar as mulheres sempre à margem da sociedade, limitá-las aos espaços internos e distanciá-las de qualquer posição de poder, para que assim pudessem dar continuidade à manutenção de seus privilégios.

Ademais, constatou-se que os argumentos pautados na biologia, ou até mesmo na psicanálise, se deram de maneiras parciais e insuficientes para justificar uma possível inferioridade feminina em detrimento de uma superioridade masculina. Portanto, compreende-se que os argumentos que tentam usar diferenças biológicas para respaldar a hierarquização de gênero, são argumentos que não podem ser considerados para justificar a manutenção da inferiorização feminina.

Observou-se também que elementos característicos de figuras femininas mítico-religiosas foram associados ao gênero feminino como sendo uma característica universal de todas as mulheres. Tamanha foi a propagação desses pensamentos que eles se solidificaram ao imaginário coletivo e, até hoje – início da terceira década do século XIX – é necessário confrontá-los para provar que cada mulher é um sujeito único.

Pautando-se nos pensamentos de Beauvoir, defendeu-se que a ideia da mulher como um sujeito imutável é inconcebível, uma vez que, as mulheres - devido às suas necessidades e desejos individuais- só podem ser definidas no seu “vir a ser”, apenas o tempo e as consequências de suas atitudes e escolhas irão torná-las quem são.

Em contrapartida, à luz do pensamento bakhtiniano acerca de definir-se a si mesmo perante aos outros, constatou-se que a Literatura se tornou uma aliada da mulher, pois, no momento em que passa a escrever sobre si mesma e coloca a definição de si, a sua visão de mundo, seus desejos e interesses, ela revoga tudo o que outrora fora dito a seu respeito.

Ainda sobre a Literatura, defendeu-se a importância da mesma como um instrumento essencial para a emancipação das mulheres, visto o tamanho poder de sua influência. Fora

isso, ressaltou-se a importância do romance familiar de autoria feminina para com a (re)construção da mulher e a rememoração das mesmas.

A partir da escrita feminina, nascem novas mulheres. Mediante o contato com obras feitas por mulheres, independente do gênero a qual elas pertençam, as mulheres que as consomem deixam de ver o mundo sob uma perspectiva masculina e passam a ver um mundo de uma maneira que as represente, as inspirem e as fazem romper com os estereótipos e opressões que ainda tentam lhes impor.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALAMBERT, Zuleika. **A história da mulher. A mulher na história.** Zuleika Alambert. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/ FAP. Abaré. 2004. 200p.; 22cm. Disponível em: <[https://issuu.com/abare.editorial/docs/a\\_mulher\\_na\\_hist\\_ria\\_-\\_zuleika\\_ala](https://issuu.com/abare.editorial/docs/a_mulher_na_hist_ria_-_zuleika_ala)>

BERND, Zilá. e SOARES, Tanira Rodrigues. **Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual.** In: ALEA. Rio de Janeiro. vol. 18/3. p.405-421; set-dez. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance.** In: \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Tradução de Aurora Bernardini. 4ª ed. São Paulo: UNESP-HUCITEC, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas.** 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DREWITZ, Ingeborg. **Gestern war Heute, Hundert Jahre Gegenwart.** Düsseldorf: Claassen Verlag GmbH, 1978.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** / Clarissa Pinkola Estés; tradução de Waldéa Barcellos. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GALLE, Helmut Paul Erich. **Evoluções do romance de família na atual literatura de língua alemã.** In: Organon, Porto Alegre, v.29, n.57, p. 199-218, jul/dez. 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IGUALDADE de direitos entre os gêneros ainda é precária na Alemanha. **Deutsche Welle**, 15 de abril de 2009. Disponível em

<<https://www.dw.com/pt-br/igualdade-de-direitos-entre-os-g%C3%AAneros-ainda-%C3%A9-prec%C3%A1ria-na-alemanha/a-4179301#:~:text=No%20fim%20dos%20anos%201970,se m%20o%20aval%20do%20marido.>> Acesso em: 6 de nov. de 2021

INGEBORG Drewitz. Biografie. Disponível em  
<<https://www.fembio.org/biographie.php/frau/biographie/ingeborg-drewitz/>> Acesso em: 6 de nov. de 2021.

INGEBORG-Drewitz-Preis der Humanistischen Union Berlin-Brandenburg. **Humanistische Union**. Alemanha. Disponível em  
<[https://berlin.humanistische-union.de/ingeborg\\_drewitz\\_preis/](https://berlin.humanistische-union.de/ingeborg_drewitz_preis/)> Acesso em: 6 de nov. de 2021.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. / CG. Jung; [tradução, Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. 1.ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PRASKE, Tanja. Ingeborg Drewitz: Schreib das auf Frau | #femaleheritage. Münchner Stadtbibliothek. 26 de nov. de 2020. Alemanha. Disponível em  
<<https://blog.muenchner-stadtbibliothek.de/ingeborg-drewitz-schreib-das-auf-frau-femaleheritage/>> Acesso em: 6 de nov. de 2021.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.

WILKINSON, Philip. **O livro da mitologia**. São Paulo: Globo Livros, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.